
Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura*

DAVID MOURÃO-FERREIRA

Fundação Calouste Gulbenkian

*À memória de Branquinho da Fonseca, Domingos Monteiro,
António Quadros. A todos quantos — mortos ou vivos — com eles se
empenharam nesta cruzada em prol do livro e da leitura.*

SERVIÇO de Bibliotecas Itinerantes; Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas; Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura: estas três sucessivas designações do Serviço fundado pelo escritor Branquinho da Fonseca, seu primeiro director (1958-1974), e ulteriormente dirigido pelos escritores Domingos Monteiro (1974-1980) e António Quadros (1980-1981) assinalam de facto três diferentes fases da sua evolução, as quais por outro lado correspondem a três diferentes orientações.

A princípio, e face ao atraso cultural do País, apostou-se primordialmente na criação de uma rede de unidades móveis, susceptíveis de levar o livro a populações isoladas que com ele de outro modo não teriam contacto. E logo então pioneiramente se praticaram os princípios de livre acesso às estantes e de empréstimo domiciliário que na altura não vigoravam em quase nenhuma das outras bibliotecas portuguesas. Na segunda fase, iniciada em 1961, começou a verificar-se que não bastava a existência de tais unidades móveis e que seria igualmente necessário o estabelecimento de uni-

* Relatório publicado em Maio de 1994 aqui transcrito praticamente na íntegra por gentil cedência da Fundação Calouste Gulbenkian.

dades fixas; e o número destas não tem cessado de aumentar a partir de então, ao passo que naturalmente pouco a pouco foram sendo desactivadas algumas das bibliotecas itinerantes, que chegaram a atingir um total de sessenta e duas, enquanto as fixas, subindo em flecha, já são hoje quase duzentas.

Este pendor via-se aliás determinado por uma sensível modificação do panorama sócio-cultural do País: maior concentração populacional em sedes de concelho ou em bairros periféricos destas; significativa extensão da escolaridade obrigatória, da qual em boa parte resultou a concentração atrás referida; crescente implantação dos *mass media*, nomeadamente os de natureza audiovisual; substancial melhoria dos meios de comunicação rodoviária, pelo que de modo considerável se reduziram distâncias que outrora se afiguravam imensas ou, em certos casos, quase intransponíveis; e, finalmente, a oportuna assunção, por parte do Estado e de autarquias, de concretas responsabilidades no domínio da leitura pública.

Todos estes factores vieram por seu turno determinar, no âmbito aliás de uma complexa reestruturação da própria Fundação Calouste Gulbenkian, a revisão inadiável das intervenções neste sector por parte da instituição; e, assim, optando-se cada vez mais claramente pela deslocação da tónica inicialmente colocada nas unidades móveis para o crescente número das unidades fixas — e, sobretudo, para a sua crescente funcionalidade —, entendeu-se que deixava de fazer sentido a excessiva distinção que entre ambas existira: como globalidade operativa passaram elas pois a ser consideradas.

Deste modo, a par de um mais reduzido número de bibliotecas itinerantes inteiramente a cargo da Fundação — por agora 14 —, sediadas estrategicamente em zonas mais carenciadas quer do Continente quer das Regiões Autónomas, oportunamente se transferiram entretanto para 28 autarquias os encargos de pessoal e de combustível de outras tantas unidades móveis, que por igual continuam a beneficiar do apoio técnico do Serviço e da

Não existe nave mais
veloz que o livro para nos
levar a terras longínquas.

EMILY DICKINSON

Só nas leituras desinteressadas pode acontecer encontrar-se o livro que se tornará o «teu livro».

ITALO CALVINO

O livro, aparentemente tão sensato, contém algazarras mudas, encerra todos os uivos da história.

YANN QUEFFÉLEC

periódica renovação dos respectivos fundos bibliográficos. Por outro lado, fundos bibliográficos de bibliotecas itinerantes que foram sendo desactivadas têm sido transferidos tanto para novas bibliotecas fixas como, em regime de doação ou de depósito, para bibliotecas municipais da Rede Nacional de Leitura Pública.

Registe-se ainda que não foram até agora abrangidas, nos projectos oficiais de tal rede nacional, as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. Em contrapartida, desde há muito aí tem feito sentir-se a acção deste Serviço da Fundação Calouste Gulbenkian, criando e mantendo, em todas as ilhas, os necessários pólos de leitura e assim espontaneamente assumindo responsabilidades que antes de mais ao próprio Estado deveriam caber. Mas registe-se também que bom número das autarquias dos dois arquipélagos vem mostrando a maior abertura ao determinante apoio que neste sector a Fundação lhes presta, de tal modo que muitas delas hoje em dia disponibilizam verbas orçamentais destinadas a uma desejável partilha de encargos. Por outras palavras, só essas autarquias efectivamente procuram pagar o ónus da própria insularidade em tão menosprezado domínio qual seja o do livro e da leitura. E a Fundação Gulbenkian é a única instituição do Continente a socorrê-las no meritório esforço, nomeadamente através da periódica dotação de uma parte substancial dos respectivos fundos bibliográficos.

A mudez dos livros deveria recordar-nos sempre a mudez dos sábios, que apenas respondem quando se lhes pergunta, e mesmo assim com prudência e medida. Há uma eloquência imensa oculta nos volumes das bibliotecas, e essa eloquência está sempre pronta a encher-nos os ouvidos com as suas inúmeras lições.

MANUEL JOSÉ FORERO

Tais fundos, no seu conjunto nacional, elevam-se hoje a cerca de cinco milhões de exemplares espalhados por todo o País — o que, em termos de estantaria, corresponde a uma extensão de mais de 42 quilómetros e representa, não só um vultuoso património em termos materiais, mas sobretudo um impressionante património de ordem espiritual. Esses fundos bibliográficos constituirão o principal instrumento de uma política de incessante dinamização que o Serviço pretende doravante intensificar, através de uma específica vertente nesse sentido. Daí que o Serviço tenha passado a adoptar a designação de Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura (1993).

Realizações no âmbito do apoio à leitura

O «apoio à leitura» assumirá formas muito diversas, que vão desde acções realizadas no espaço das bibliotecas fixas (conferências, recitais, exposições, debates, leituras «orientadas», encontros com escritores) até colaborações programadas com a Escola, a Rádio, a Televisão, o poder autárquico, passando obviamente pelo crescente papel esclarecedor em todas essas áreas do Boletim Cultural que o Serviço edita e cujas muitas dezenas de milhares de exemplares gratuitamente distribuí: vinte números foram publicados nos últimos dez anos, ora com textos escolhidos para os mais jovens, ora com números antológicos consagrados a grandes vultos da literatura portuguesa — Camilo, Cesário, Aquilino, Nemésio, Torga, Branquinho da Fonseca —, ora à própria temática do livro e da leitura; e com tal êxito que já houve que proceder à reimpressão de alguns deles.

Cumprе registrar que muito antes de em 1993 o Serviço ter adoptado a actual designação já esta segunda componente da sua actividade se vinha manifestando de forma experimental, através de um programa intitulado «Leitura e Cultura», no quadro do qual se realizaram, em muitas bibliotecas fixas, conferências, debates, concertos, exposições e encontros com escritores. Paralelamente, o Serviço organizou, nos últimos treze anos, em colaboração com a Direcção-Geral do Ensino Básico, onze Encontros sobre Literatura para Crianças, com sempre crescente afluência de público interessado na matéria. Em tais Encontros se tem procedido ao levantamento e à crítica discussão dos principais vectores da modalidade, aproveitando ainda o ensejo para estudar, difundir e homenagear as obras de grandes autores do género, na literatura portuguesa, tais como Ana de Castro Osório, Carlos Amaro, António Sérgio, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, Irene Lisboa, António Botto, Fernanda de Castro, Miguel Torga.

A par destes Encontros, por sete vezes o Serviço atribuiu os bienais Prémios Gulbenkian de Literatura para Crianças, graças aos quais se tem verificado,

*A vida chega aqui
filtrada em pensamento
que não fere; no enlevo
táctil-visual de ideias
reveladas na trama
do papel e que afloram
aladamente e dançam [...]
o seu ballet de essências
para o leitor liberto.*

CARLOS DRUMMOND

DE ANDRADE

Todos os outros instrumentos podem perecer, ou decair, mas a palavra renasce naturalmente, em conjunto com a vida, dia após dia, fresca como uma rosa.

ELSA MORANTE

Há um milagre de que sou testemunha e actor várias vezes ao dia, e ao qual no entanto não me consigo habituar. Pego num maço de folhas de papel enegrecidas de sinais. Olho-as, e eis a maravilha: surgem no meu espírito senhores e belas damas, um castelo, um parque admirável povoado de estátuas ou de animais raros. Desenvolvem-se histórias ofegantes, divertidas ou comovedoras, de tal modo que tenho dificuldade em reter os meus arrepios, os meus risos ou as minhas lágrimas. E todas essas aparições apenas têm como origem aquele papel enegrecido. Que paradoxo! Será que tais aparições não têm de facto outra origem a não ser aquele

papel enegrecido? Reflectindo bem, há lugar para dúvidas. E então eu? EU, o leitor? É que esta fantasmagoria que se desdobra no meu espírito graças ao milagre da leitura é tanto obra do meu espírito como do próprio texto escrito. Sim, creio que um livro tem sempre dois autores: aquele que o escreveu e aquele que o lê. Um livro escrito, mas não lido, não chega verdadeiramente a existir. É um ser virtual que se esgota no seu apelo ao leitor, tal qual uma semente que perdidamente voa ao capricho do vento até que venha a tombar num pedaço de boa terra onde poderá enfim tornar-se ela própria, isto é: folha, flor e fruto.

MICHEL TOURNIER

*Livro, anseio
de estar em toda a parte,
em solidão!*

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

Uma coisa é ler e outra é ouvir! A ouvir, temos de nos adaptar imediatamente a um ritmo mental que não é o nosso, de lhe correspondermos! E a ler, conduzimo-nos à nossa vontade através da leitura. Escolhemos dela até o que queremos, temos as nossas simpatias tranquilas...

IRENE LISBOA

segundo opinião dos especialistas, uma assinalável melhoria, em termos de qualidade, dos textos produzidos neste domínio. Recorda-se, a tal respeito, que o Grande Prémio, destinado a galardoar o conjunto da obra de um determinado escritor que se tenha imposto nesta área, foi sucessivamente atribuído a Matilde Rosa Araújo, Ricardo Alberty, Adolfo Simões Müller, José de Lemos, Ilse Losa, Maria Alberta Menéres, António Torrado, Fernanda de Castro e Sophia de Mello Breyner Andresen, enquanto autores como Alice Vieira, Luísa Ducla Soares, Manuel António Pina, António Mota e José Jorge Letria viram obras suas contempladas com o Prémio de Melhor Texto e artistas plásticos como João Machado, Francisco Relógio, António Modesto, João Botelho, Jorge Martins, Maria Antónia Pestana, Henrique Cayatte, Manuela Bacelar e Teresa Dias Coelho foram galardoados com o Prémio destinado aos melhores conjuntos de ilustrações.

Escolha e aquisição de livros

Como são escolhidos e adquiridos os livros que passam a fazer parte dos fundos bibliográficos das bibliotecas da Fundação? Antes de mais existe, para esse fim, uma Comissão Consultiva de Apreciação de Livros, exclusivamente constituída por elementos alheios aos quadros da Fundação Calouste Gulbenkian (escritores e críticos de competência reconhecida), que semanalmente reúne com a Direcção do Serviço para apresentação e debate das fichas de leitura que de semana a semana vai elaborando.

Grças ao trabalho desenvolvido pelos sucessivos membros desta Comissão — que ao longo dos anos tem compreendido figuras como as de Adolfo Simões Müller, Álvaro Salema, António Manuel Couto Viana, Fernanda Botelho, Guilherme de Castilho, Joana Morais Varela, João Maia S. J., J. Monteiro-Grillo, José Palla e Carmo, Luís Forjaz Trigueiros, Maria Alzira Seixo, Maria de Lourdes Belchior, Mário Braga, Matilde Rosa

Araújo, Natércia Freire, Natércia Rocha, Orlando Vitorino, Patrícia Joyce, Urbano Tavares Rodrigues — o Serviço trata de organizar e actualizar, não só um minucioso ficheiro de natureza biblioteconómica, mas também um precioso arquivo, único em Portugal, de apreciação de índole crítica sobre o que de mais relevante entre nós se tem editado nas últimas décadas, quer se trate de originais quer de traduções.

Essas fichas, após o seu conveniente tratamento pela Divisão de Documentação, começam logo por servir de base à actividade de uma Comissão de Aquisição — esta constituída por elementos representativos de diversas áreas do Serviço — que sobre elas periodicamente se debruça e que, de acordo com as necessidades mais prementes das próprias unidades fixas e móveis, define os indispensáveis critérios de prioridade no que se refere às compras a efectuar. Depois de adquiridos os livros, cujas quantidades de exemplares naturalmente variam em função das necessidades atrás mencionadas, são estes biblioteconomicamente tratados na sede do Serviço e enfim expedidos para as múltiplas bibliotecas a que se destinam. Mas os respectivos encarregados, através de propostas de aquisição, têm sempre a possibilidade de solicitar à Direcção o envio de obras que não tenham sido contempladas nos abastecimentos habituais, mas que se revelem objecto de particular interesse e procura por parte dos leitores. Por outro lado, na sede do Serviço funciona ainda uma Biblioteca Central de Empréstimo, composta por cerca de dez mil volumes mais especializados que aos interessados são remetidos através do correio, sem quaisquer despesas de porte postal. Tudo gratuito. Como nas demais acções empreendidas pelo Serviço.

Elaboração e apreciação de projectos

A par da Comissão Consultiva de Apreciação de Livros, e em moldes semelhantes àqueles em que esta funciona, vai ser constituída, na sede do Serviço, uma

Para ler o que é bom uma das condições que se requerem é não ler o que é mau, pois a vida é curta e o tempo e as energias limitadas.

SCHOPENHAUER

Não conheço leituras mais difíceis que as leituras fáceis.

KARL KRAUS

As pessoas não sabem, em geral, quanto esforço e tempo se requer para aprender a ler e a tirar proveito do que se leu; para isso necessitei eu de oitenta anos.

GOETHE

O verdadeiro sinal de que se ama um livro reside em procurá-lo ou em pensar-mos nele nos momentos de desamor.

NATALIA GINSBURG

Comissão de Elaboração e Apreciação de Projectos de Apoio à Leitura, composta por especialistas nesta área e, quanto possível, representativa dos diferentes graus de ensino.

Caber-lhe-ão, por um lado, a elaboração de projectos globais no domínio referido para serem oportunamente estudados pela Direcção do Serviço e, por outro, a função de darem pareceres sobre projectos pontuais que, da parte de autarquias e das próprias bibliotecas, já desde há muito vêm sendo endereçados à sede do Serviço, sem que nem sempre tenha sido possível dar-lhes a atenção, a resposta, o encaminhamento ou o tratamento adequados.

Graças a esta dupla função que lhe é atribuída, a mencionada Comissão não terá pois a veleidade de isoladamente deliberar, com propósitos de automática e indiscriminada aplicação, em matéria tão variável e tão sensível, mas antes o intuito de a cada passo auscultar as necessidades, os gostos e as expectativas das próprias populações.

O que parecerá convir a Caminha ou a Mortágua pode não ser desejável em Redondo ou em Silves, em Porto Santo ou na ilha do Corvo; e vice-versa. Os meios de apoiar e de estimular o gosto pela leitura; nesta ou naquela região, têm muito a ver com a específica apetência das populações locais, com o modo particular como elas vivem as respectivas tradições e com os prospectivos horizontes em que inscrevem a sua visão do futuro.

À Comissão em causa, bem como à Direcção do Serviço, apenas competirá, em certos casos, por exemplo propor, e não mais, determinadas acções que possam contribuir para um mais aprofundado conhecimento de autores emblemáticos de determinada região: algo como o Minho de Camilo, de Tomaz de Figueiredo ou de Pedro Homem de Mello; o Trás-os-Montes de Miguel Torga; o Douro de João de Araújo Correia ou de Agustina Bessa Luís; a Beira Interior de Aquilino Ribeiro; a Estremadura de Irene Lisboa; o Alentejo de Fialho de Almeida, de Manuel da Fonseca ou de José

Folheada, a folha de um
[livro retoma
o lânguido e vegetal da
[folha folha,
e um livro se folheia ou se
[desfolha
como sob o vento a árvore
[que o doa [...]

Silencioso: quer fechado ou
[aberto,
inclusive o que grita dentro;
[anónimo:
só expõe o lombo, posto na
[estante,
que apaga em pardo todos os
[lombos;
modesto: só se abre se
[alguém o abre,
e tanto o oposto do quadro na
[parede,
aberto a vida toda, quanto da
[música,
viva apenas enquanto voam
[suas redes.
Mas apesar disso e apesar de
[de paciente
(deixa-se ler onde queiram),
[severo:
exige que lhe extraiam, o
[interroguem;
e jamais exala: fechado,
[mesmo aberto.

JOÃO CABRAL DE
MELO NETO

Saramago; o Algarve de M. Teixeira-Gomes; os Açores de Vitorino Nemésio ou de Natália Correia.

Mas cada autarquia e cada biblioteca terão sempre absoluta liberdade para não aceitarem tais ou semelhantes propostas e para, em lugar delas, fazerem chegar ao conhecimento do Serviço a expressão de diferentes desejos ou de diferentes expectativas. E à Comissão de Elaboração e Apreciação de Projectos de Apoio à Leitura caberá a essencial responsabilidade de os estudar e de ajuizar da respectiva exequibilidade, a fim de que, sempre que possível, sejam oportunamente postos em prática.

O Serviço não vive pois na ilusão de que exista uma panaceia universal, e universalmente aplicável, em tão fluida matéria como é a do apoio à leitura; e encontra-se firmemente decidido a não recorrer a *slogans* nem a propagandísticos programas de efémera fachada: a criação da Comissão anunciada também isto significa.

Ao serviço de crianças e adultos

Embora não tenha sido essa a função específica para que foram criadas, as bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian a breve trecho vieram a tornar-se, em inúmeros pontos do País, dada a escassez ou quase inexistência de uma adequada rede de bibliotecas escolares, uma espécie de suporte dos vários graus de ensino em tal domínio. Este inesperado papel, que sempre as bibliotecas da Fundação Gulbenkian de bom grado assumiram, e continuam a assumir, teve todavia como consequência o vertiginoso aumento do seu número de leitores em idade escolar, os quais desde há muito constituem mais de setenta por cento daqueles que as utilizam.

Sem pretender de modo algum frustrar, sequer diminuir, as expectativas que semelhante papel originou, o Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura entende contudo como seu indeclinável dever manter-se fiel ao prin-

Não se leiam os clássicos por dever ou respeito, mas só por amor.

ITALO CALVINO

O acto mágico da leitura: aquele durante o qual o homem debruçado sobre um livro descobre a sua própria memória, passada a limpo e imaginada por um outro.

HECTOR BANCIOTTI

cípio de servir leitores de todas as idades e, sobretudo, de levar o livro àquelas populações que de outra forma a ele não teriam nem têm acesso.

Nos últimos oito ou nove anos não têm conta as livrarias que vêm cerrando as suas portas através de todo o País; e, por outro lado, a carência de apoio oficial à reedição de autores clássicos e modernos tem infelizmente contribuído para que as obras de muitos deles sejam hoje inacessíveis e permaneçam ignoradas do grande público, nomeadamente do das gerações mais novas. Por esta razão, nem mesmo elas figuram nos fundos bibliográficos de recentes bibliotecas municipais. Mas é fácil encontrá-las, em contrapartida, nas bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian.

É esse o caso — por exemplo e para só falar de obras portuguesas editadas entre as décadas de 30 e de 60 — de escritores como Vitorino Nemésio, Tomaz de Figueiredo, Domingos Monteiro, Branquinho da Fonseca, Fernanda de Castro, Cabral do Nascimento, Pedro Homem de Mello, João de Araújo Correia, Armindo Rodrigues, João Gaspar Simões, Joaquim Paço d'Arcos, José Marinho, Álvaro Ribeiro, José Marmelo e Silva, Luís Forjaz Trigueiros, Tomaz Kim, Natércia Freire, Mário Braga, António Manuel Couto Viana, Fernanda Botelho e tantos mais cujo conhecimento é indispensável para se compreender a evolução da literatura portuguesa desde o modernismo até aos nossos dias. Dos vinte autores mencionados há pelo menos dez de quem será impossível encontrar uma só obra que seja em qualquer livraria, enquanto, dos restantes, apenas um que outro título se mostrará disponível. Acrescente-se ainda, no que se refere ao século XIX, que poucas bibliotecas públicas dispõem hoje de uma Camiliana como aquela de que podem orgulhar-se os fundos bibliográficos deste Serviço.

A reactivação de um desejável interesse em relação a muitos destes autores constituirá uma das alíneas do programa de Apoio à Leitura em que de modo mais sistemático o Serviço doravante se empenha.

Um livro *cai* no tempo, mas não se sabe em que ponto, porque o tempo joga com o passado e com o futuro como o batoteiro com as cartas. O presente de um livro não é só o tempo no qual o livro foi escrito (ou publicado); um livro existe, e cai no tempo, quando é lido.

CESARE GARBOLI

O mundo, tal como o conhecemos, tem sido feito pelos livros. Da *Bíblia*, do *Corão*, do *Mahabharata* ao *Capital* e a Freud, da *Ilíada* e da *Odisseia* a Voltaire e a Hugo, dos *Upanishad* a Hegel, a Proust e aos nossos livros escolares, os homens vivem de ideias transportadas por livros, que nem sempre leram, mas dos quais eles são os filhos.

JEAN D'ORMESSON

Onde os livros se arrumam

Apoio à leitura? A expressão parecerá ambígua, se não mesmo plurívoca. Tudo arranca do gesto de conferir, com a possibilidade de dar a ler, o consequente direito à leitura. Coisa que em verdade não se faz com fachadas mais ou menos catitas, ou até mais ou menos formosas; coisa que não se faz com paredes nuas, com estantes vazias, mas apenas com livros criteriosamente seleccionados ao longo de décadas, pacientemente adquiridos e renovados, incansavelmente distribuídos pelos mais variados pontos do País, desde o Minho ao Algarve, por todas e cada uma das onze ilhas das Regiões Autónomas. E o Serviço orgulha-se do carácter eminentemente popular das suas bibliotecas, da assumida modéstia de muitas das respectivas instalações, da franca simplicidade da maioria dos funcionários com que tem contado e que sempre têm sabido dialogar, em pé de igualdade, com a generalidade das populações portuguesas, de modo a jamais erguer, entre elas e o livro, barreiras de suspicácia ou preconceitos de casta. O acesso ao livro afigura-se, na óptica do Serviço, tanto mais espontâneo e frutuoso quanto menos enroupado em etiquetas e formalidades, arrogâncias técnicas e convencionalismos.

Por outro lado, o Serviço desde sempre encara as bem mais de duas centenas das bibliotecas que tem criado como dinâmicos «entrepostos» de livros, pois o que mais lhe interessa é que estes se habituem a estancar por largos períodos na casa de cada um e que, desta sorte, a casa de cada um se habitue a dispor de íntimos espaços que lhes sejam consagrados. E mais que na casa: na alma e no corpo de cada um. Não há muito, o escritor francês Pascal Quignard a este respeito se interrogava: «Mas onde se arrumam os livros?» e logo respondia: «Nos corpos que os lêem». E acrescentava: «As bibliotecas não são lugares, são corpos».

No entendimento deste Serviço, de bem pouco valeriam efectivamente as bibliotecas de que dispõe se

Para mim a felicidade está em grande parte ligada aos livros. Os livros lidos, os livros a rereer, os livros que releio, os livros que descobro...

LEONARDO SCIASCIA

Fruto da cultura é o livro e, como o fruto da árvore, também semente vem a ser.

ENRIQUE BANCHS

Quando ouço dizer que determinada pessoa tem o hábito da leitura, sinto-me logo predisposto a pensar bem dela. Ler é manter sempre vivas e despertadas as nobres faculdades do espírito, dando-lhe como nutrição novas emoções, novas ideias, novos conhecimentos. Ler é multiplicar e enriquecer a vida interior.

Ler é sobretudo associar a existência à dos seus semelhantes, fazer profissão de unidade e de fraternidade com os homens. Quem lê, ainda que se encontre confinado numa aldeia, vive o movimento universal e pode fazer sua a sentença de Terêncio: que nada do que é humano lhe é indiferente.

Os egoístas não praticam em geral a leitura, porque vivem absorptos na árida contemplação dos seus interesses pessoais. Não sentem necessidade de sair de si próprios e de se estreitarem com os outros. Tão-pouco lêem as pessoas indolentes. Mas o que são o ócio e a indolência senão formas de egoísmo?

NICOLAS AVELLANEDA

elas não contribuíssem, de modo decisivo, para cada qual ir criando a sua própria biblioteca, para cada qual, no corpo e na alma, se tornar também uma biblioteca viva. Os homens como «pedras vivas» — aquelas «pedras vivas» de que falava Rabelais e que António Sérgio tanto gostava de evocar — são em grande parte constituídos da imaterial substância de que os livros são feitos. Por isso mesmo, como André Gluksmann recentemente observou, «a história avança, folheando livros».

Estimular as pessoas a que sejam, no fundo de si mesmas, o que sem os livros nunca porventura chegariam a ser representa assim o primeiro móbil e o último fim de toda e qualquer acção de apoio à leitura. Os meios, os modos, as táticas é que terão por sua vez de se adaptar a uma incalculável variedade de circunstâncias, tanto sociais como psíquicas, de tal modo que só no terreno, e caso a caso, será possível ensaiá-los. Mas sobretudo na Escola e no Poder Local, como órgãos ou entidades com mais directo conhecimento da realidade onde se implantam e de onde derivam, continuará decerto o Serviço a contar interlocutores particularmente privilegiados. E tanto da Escola como do Poder Local aguarda sugestões, perguntas, desafios, a fim de com uma e com outro colaborar também no sentido, que a ambos naturalmente muito importa, de incessantemente impedir, através da leitura, que as regiões mais e mais se uniformizem, que o País mais e mais se descaracterize, que os monumentos do nosso património verbal mais e mais se ignorem como indispensáveis garantes da autonomia da língua e da nossa própria identidade.

Soberania do Livro

O verbo ler não suporta o imperativo

DANIEL PENNAC

Sabe também este Serviço, pela sua continuada experiência ao longo de mais de 35 anos, que não pode obri-

gar-se ninguém a ler; e que nem é isso o que interessa. O que verdadeiramente importa é, antes de mais, como já se disse, colocar livros à disposição de quem espontaneamente queira lê-los: esta, a primeira forma de apoio à leitura. Só em seguida se justificará então que determinadas acções de acompanhamento e de estímulo comecem a concretizar-se e a desenvolver-se.

Seja como for, e com toda a humildade, a Direcção do Serviço crê que o apoio e o incentivo à leitura (nomeadamente a leitura lúdica e «desinteressada», feita sem fins imediatamente utilitários) pressupõem um especializado conhecimento da didáctica da leitura literária, que é matéria que não se improvisa e que, justamente para se tornar acessível, exige uma atenta sensibilidade, uma antecipada assimilação das suas coordenadas teóricas, uma diuturna prática, uma prévia experiência no terreno.

Não falta, por outra parte, à Direcção do Serviço a clara consciência de presentemente se atravessar, pelo menos no chamado mundo ocidental, um difícil período daquela «galáxia de Gutenberg» já por um Marshall McLuan «condenada» há cerca de três décadas ou, como ulteriormente sublinharia um George Steiner, uma fase de «post-cultura» em que «o recuo da palavra» constitui o sintoma mais alarmante.

Paradoxalmente, continua sendo todavia através de livros que tão negras profecias se anunciam, que tão apocalípticos diagnósticos se exprimem; e, paradoxalmente também, nunca o livro e o acto da leitura foram objecto de tão crescente número de estudos, por parte de psicólogos, sociólogos, historiadores, linguistas, semioticistas e críticos literários. É que talvez só o livro permaneça ainda o instrumento privilegiado e o veículo por excelência para o aprofundado debate dos maiores problemas que nos afectam: o audiovisual, por sua vez, ainda estará porventura numa fase em que tende a confundir a discussão de ideias com o mero confronto ou até o simples entrecchoque de opiniões.

Mas não é contra o audiovisual, nem contra qualquer outra forma de comunicação, que o livro terá de esgri-

Ao livro, esse príncipe, solicitamos uma audiência que ele por vezes nos concede.

ROBERT SABATIER

Têm-se multiplicado os dias consagrados à cultura e ainda não atingidos pelo desemprego: festas do cinema, do livro, das artes plásticas, dos museus, do teatro. Tudo muito bonito, mas os outros dias? Como diziam as feministas a respeito do Dia da Mãe: um dia para a festa, 364 para o esquecimento. O ministério (da Cultura) pagou caríssimo a certos publicitários para que eles dessem feiçssimos nomes a estes folguedos. Como foi o caso de «Furor de ler» [...] Furor, verdadeiramente? Estranha palavra para significar a relação privada — mesmo secreta: «um vício impune», segundo Larbaud — que une um livro ao seu leitor.

MICHEL SCHNEIDER

mir: apenas lhe compete afirmar-se na sua esquia especificidade e incessantemente revelar-se, mais do que impor-se, como objecto *sui generis*, até agora provavelmente insubstituível, não só na esfera da transmissão de conhecimentos, mas também, ou sobretudo, na da fruição estética, na da preservação da identidade linguística, na do aprofundamento do «eu», na da complexa tessitura desse mesmo «eu» com o mundo visível e o mundo invisível, inclusivamente na da interiorizada experiência do Sobrenatural e do Transcendente.

DOIS TESTEMUNHOS

São os leitores que fazem de um livro o que ele virá a ser mais tarde. O autor propõe, o leitor dispõe.

ALDOUS HUXLEY

O país não lê nem quer ler. Quando muito aguenta um romance. Isto está, em todos os sentidos, cada vez mais baixo.

EÇA DE QUEIRÓS

(De uma carta a sua Mulher, de 28.III.1890)

Não é culpa senão do País, onde o culto da pura literatura tende talvez a extinguir-se pela invasão crescente dos cuidados materiais.

EÇA DE QUEIRÓS

(De uma carta a Luís de Magalhães, de 20.VIII.1891)

De todo o tempo que perdem os portugueses, não há eternidade como o tempo que perdem a não ler. Durante o Verão, o país enche-se de turistas estrangeiros e quase todos — seja na praia, seja no hotel — andam quase permanentemente com um livro na mão. Esta estranha proclividade deixa o português perplexo: «Estes bifés são todos malucos — pagam um balúrdio para cá virem e depois, em vez de aproveitarem, passam o tempo todo a ler... até usam os livros abertos para marcar os lugares».

É o facto cultural mais assustador de todos — os portugueses não lêem livros. Em nenhum outro país da Europa é tão raro ver alguém a ler um livro em público. Causa genuína aflição vê-los a não ler. Na praia, nas salas de espera, nos comboios, enquanto almoçam sozinhos, nos cafés... em toda a parte se vê uma população atarefadamente dedicada à actividade de não-ler. Porque é que não aproveitam estes tempos mortos?

Não se sabe. Uma das causas será o facto de o português ter horror à solidão. Esteja onde estiver, e por muito entediada que seja a sua condição, o português prefere estar a olhar para os outros — os tais que, por sua vez (e em vez de estar a ler), estão a olhar para ele. O português tem medo de se mergulhar num livro, porque isso significa que deixa de estar à coca. Não pode estar em lado nenhum sem sentir que está de serviço, a controlar a situação. Olha os que entram, os que saem; os que ficam, os que voam e fazem «Bzzz...». Nem é só por bisbilhotice — é por desconfiança. Não pegam num livro porque têm medo de apanhar com uma paulada nas costas enquanto estão distraídos. Para um português, ler é estar desprevenido.

Os preconceitos contra a leitura são terríveis. Entre o povo, diz-se que faz mal à digestão ler a seguir ao almoço ou ao jantar. [...]

Os contos de bruxas não acabam aí. Existe também a noção grosseira de que ler «cansa a vista», porque «faz mal puxar muito pela cabeça». O típico brutamontes defende-se destas acusações dizendo que «ando a trabalhar todo o dia e, quando chego a casa, é para descansar, não é para ler». A realidade é triste, mas tem de ser revelada: o português prefere cansar-se a trabalhar (e lembremo-nos que tem a capacidade singular de cansar-se muito a trabalhar pouco) ao descanso que seria ele a ler. Resiste aos livros como aos castelhanos. Que outro povo, nos seus ditos, consegue atribuir um sentido pejorativo à palavra «ler»? A expressão «estar a ler», segundo o Dicionário de Caldas Aulete, é uma locução familiar que significa «estar enganado, dar provas de inexperiência».

Inexperiência! Aí está a raiz do mal. Viver é experimentar, enquanto ler é deixar de viver. É por isso que, nos lugares públicos, preferem passar o tempo a viver — a ver a vida dos outros. No fundo, os portugueses querem saber o que se passa, mais do que querem, através da leitura dos livros, passar a saber. Se lêem jornais, é com esta mesma intenção de «saber o que se passa» — folhear as páginas é como estar fechado num café ainda maior.

Têm medo de entrar nas livrarias, que pensam serem só para intelectuais, segundo a definição corrente de «intelectual» — alguém que lê um livro de vez em quando, por estrita obrigação profissional. Preferem receber os livros pelo correio, num invólucro castanho, como outros povos encomendam publicações pornográficas e clandestinas. Livros esses que não são geralmente livros para ler, mas para ver, e chamam-se quase sempre Os Animais da Terra.

Em contrapartida, não há português que não escreva. O português é uma criatura maravilhosa — assim como fala, mas não ouve, escreve, mas não lê... Uma das consequências deste desnível entre quem escreve e quem lê é o seguinte: em Portugal há somente quarenta leitores para cada trinta mil autores. Não há nada mais fácil, hoje em dia, que escrever um livro e publicá-lo. E nada mais difícil que achar alguém que o compre e que o leia.

É um círculo vicioso. Como os que escrevem não lêem, não escrevem muito bem. E como, de qualquer modo, não há quem os leia, ainda escrevem pior. É por isso que tantos escritores produzem livros absolutamente ilegíveis. [...]

A tranquilidade necessária à leitura (que nem é assim tanta) não parece abundar no nosso povo. Dizem que o povo é sereno, mas um polvo com epilepsia é mais. O português está para a tranquilidade como o delirium tremens está para a cirurgia. Nas salas de espera, passam as horas a folhear revistas velhas a um ritmo alucinante, como se estivessem a tentar criar um efeito televisivo de animação com os bonecos. [...] Curiosamente, os analfabetos ainda são os que mais se interessam pela leitura propriamente lida. Como não sabem ler, os livros têm para eles um mistério e uma dignidade que só os bons leitores ainda lhes atribuem. [...]

MIGUEL ESTEVES CARDOSO

[Escritor português n. 1956. Trecho extraído de *A Causa das Coisas*. 1.^a ed., Lisboa: Assírio & Alvim, 1986]

Na história da nossa espécie, na história do homo sapiens, o livro é um fenómeno antropológico análogo, em substância, à invenção da roda. O livro, nascido não tanto para que dessemos conta das nossas origens quanto das intrínsecas possibilidades do homo sapiens, é um meio de transporte através do espaço da experiência, à velocidade da página que se volta. Este movimento, por sua vez, como todo o movimento, torna-se uma fuga ao denominador comum, torna-se uma tentativa para elevar a linha deste denominador — que inicialmente não passava da cintura — até ao coração, até à nossa consciência, até à nossa fantasia. Essa fuga é a fuga em direcção ao «rosto não comum», ao numerador, à personalidade, à dimensão privada. Qualquer que seja a imagem e semelhança sobre a qual fomos criados, somos já hoje cinco biliões, e para cada ser humano não há outro futuro além daquele que a arte promete. De outro modo, o que nos espera no futuro será o passado — o passado político, em primeiro lugar, com todas as suas policíescas delícias de massa.

Seja como for, uma sociedade na qual a arte em geral e a literatura em particular sejam monopólio ou prerrogativa de uma minoria parece-me insalubre e perigosa. Eu não peço que se substitua o Estado por uma biblioteca — se bem que esta ideia tenha visitado muitas vezes a minha mente —; mas para mim está fora de dúvida que, se escolhêssemos os nossos governantes com base na sua experiência de leitores, e não com base nos seus programas políticos, haveria bastante menos sofrimento na terra. Creio que ao potencial patrão dos nossos destinos se deveria perguntar, antes de qualquer outra coisa, não quais as suas ideias em matéria de

política externa, mas o que pensam de Stendhal, Dickens, Dostoievsky. Já pelo facto de o pão quotidiano da literatura ser justamente a diversidade e a perversidade humanas, a literatura revela-se um antídoto seguro contra todas as tentativas — já conhecidas ou ainda por inventar — para dar uma solução totalitária, massificada, aos problemas da existência humana. Pelo menos, como apólice de seguro moral, a literatura dá muito maior confiança que um sistema religioso ou uma doutrina filosófica.

Como não existem leis que possam proteger-nos de nós próprios, nenhum código penal está em condições de prevenir os delitos contra a literatura; mesmo que possamos condenar a material supressão da literatura — perseguições aos escritores, uso da censura, fogueiras de livros —, consideramo-nos impotentes diante do crime mais grave: a indiferença em relação aos livros, o desprezo pelos livros, a não-leitura. Por este delito cada pessoa paga com toda a sua vida, e, se o delito é cometido por uma nação inteira, a nação o paga com a sua história. [...]

Para mim — não é uma conclusão empírica, mas tão-só teórica —, será um pouco mais problemática, a alguém que tenha lido muito a obra de Dickens, o acto de disparar sobre o seu semelhante, em nome de qualquer ideia, do que a alguém que de Dickens nada conheça. E falo precisamente da leitura de Dickens, Sterne, Stendhal, Dostoievsky, Flaubert, Balzac, Melville, Proust, Musil e assim por diante, isto é, falo de literatura, não de alfabetismo ou de instrução. Uma pessoa que sabe ler e escrever, uma pessoa instruída pode muitíssimo bem, depois de ter lido um livro ou um panfleto político, assassinar um seu semelhante e provavelmente experimentar, ao matá-lo, uma exaltação doutrinária. Lenine era instruído, Estaline era instruído, e também Hitler o era; quanto a Mao Tsé-Tung inclusivamente escrevia versos. Mas todos tinham uma coisa em comum: a lista das suas vítimas era infinitivamente mais extensa que a lista das suas leituras.

JOSEPH BRODSKY

[Escritor russo n. 1940. Exilado nos EUA desde 1972. Prémio Nobel da Literatura em 1987. Trecho do discurso pronunciado na ocasião em que recebeu este Prémio]

Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjectivo da vida.
 FERNANDO PESSOA

As bibliotecas não se fazem; crescem.
 AUGUSTINE BIRRELL

Quantos homens têm datado o início de uma nova era das
 suas vidas a partir da leitura de um livro!
 HENRY DAVID THOREAU

Alguns livros são imerecidamente esquecidos; nenhum é
 recordado imerecidamente.
 W. H. AUDEN

Quando o homem não procura o livro, ou porque não tem condições para o comprar, ou porque habita longe dos centros populacionais onde mais facilmente o poderia adquirir, o livro tem de procurar e interessar o homem para o servir, quer instruindo-o, quer recreando-o.

JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO (1958)

Acho que jamais neste país se prestou um serviço tão relevante como este à causa da cultura popular.

É preciso que o Povo compreenda isto. É necessário que a Nação tome consciência disto.

A. FERRER CORREIA (1983)

BIBLIOTECAS ITINERANTES**CONTINENTE**

- | | | |
|--------------------|---------------------|-------------------------|
| • AVEIRO | LOULÉ | • SANTA MARIA DA FEIRA |
| • BARCELOS | MIRANDA DO CORVO | • SINTRA |
| • BATALHA | • MIRANDELA | TOMAR |
| BRAGA | • MOIMENTA DA BEIRA | • TRANCOSO |
| • BRAGANÇA | • MONTEMOR-O-NOVO | • VALONGO |
| • CANTANHEDE | MORTÁGUA | • VIANA DO CASTELO |
| • CASTELO DE PAIVA | MOURA | • VIDIGUEIRA |
| • CASTRO VERDE | • OVAR | • VILA NOVA DE CERVEIRA |
| • CHAVES | POMBAL | • VISEU |
| FIGUEIRA DA FOZ | • PONTE DE LIMA | |
| • GUARDA | REDONDO | |

AÇORES E MADEIRA

- | | |
|--------------------------|-----------------------------------|
| • ANGRA DO HEROÍSMO | • POVOAÇÃO (AÇORES) |
| FUNCHAL (MADEIRA) | S. VICENTE (MADEIRA) |
| • HORTA (AÇORES) | • SANTA CRUZ DA GRACIOSA (AÇORES) |
| • MADALENA (AÇORES) | • SANTA CRUZ DAS FLORES (AÇORES) |
| • PONTA DELGADA (AÇORES) | • VELAS (AÇORES) |
| PONTA DO SOL (MADEIRA) | • VILA DO PORTO (AÇORES) |

• Apoio logístico das Autarquias; Fundos bibliográficos da Fundação Calouste Gulbenkian.

BIBLIOTECAS FIXAS**CONTINENTE**

- | | | |
|------------------------|-----------|-------------------|
| ÁGUEDA | ARMAMAR | BUSTOS |
| ALBERGARIA-A-VELHA | AROUCA | CADAVAL |
| ALCAINS | ARRAIÓLOS | CALDAS DA RAINHA |
| ALCANENA | AVINTES | CALDAS DE VIZELAS |
| ALCOCHETE | AVIS | CAMINHA |
| ALENQUER | AZAMBUJA | CARREGAL DO SAL |
| ALFÂNDEGA DA FÉ | BARCELOS | CASCAIS |
| ALFERRAREDE | BATALHA | CASTELO BRANCO |
| ALTER DO CHÃO | BENAVENTE | CASTELO DE PAIVA |
| AMARANTE | BOMBARRAL | CASTRO DAIRE |
| ANADIA | BORBA | CASTRO VERDE |
| AREOSA - V. DO CASTELO | BRAGANÇA | CELORICO DA BEIRA |
| ARGANIL | BUCELAS | CHAVES |

COJA	MÊDA	PRAIA DO RIBATEJO
CONDEIXA-A-NOVA	MELGAÇO	REDONDO
CORUCHE	MIRANDA DO CORVO	REGUENGOS
COVILHÃ	MIRANDA DO DOURO	RESENDE
CUBA	MIRANDELA	SALVATERRA DE MAGOS
ELVAS	MOGADOURO	SAMORA CORREIA
ENTRONCAMENTO	MOIMENTA DA BEIRA	SANTA MARIA DA FEIRA
ERICEIRA	MOITA	SANTARÉM
ERMESINDE	MONÇÃO	SÃO JOÃO DA MADEIRA
ESPINHO	MONCHIQUE	SERPA
ESPOSENDE	MONTALEGRE	SESIMBRA
ESTARREJA	MONTEMOR-O-VELHO	SEVER DO VOUGA
ESTREMOZ	MORA	SILVES
FAFE	MOREIRA DA MAIA	SOBRAL MONTE AGRAÇO
FÂNZERES	MORTÁGUA	SOURE
FARO	MOURA	TAROUCA
FERREIRA DO ALENTEJO	NAZARÉ	TAVIRA
FIGUEIRA DE CASTELONELAS	ODEMIRA	TOMAR
RODRIGO	OLIVEIRA DE AZEMEIS	TONDELA
FIGUEIRÓ DOS VINHOS	OLIVEIRA DO BAIRRO	TRAMAGAL
FORNOS DE ALGODRES	OLIVEIRA DO HOSPITAL	TRANCOSO
FUSETA	OURÉM	VALE DE CAMBRA
GUARDA	OVAR	VALENÇA
GUIMARÃES	PAÇOS DE FERREIRA	VALONGO
IDANHA-A-NOVA	PAMPILHOSA	VENDAS NOVAS
LAMEGO	PAREDES DE COURA	VIDIGUEIRA
LOULÉ	PENACOVA	VIEIRA DO MINHO
LOURES	PENAFIEL	VILA DAS AVES
LOURINHÃ	PENEDONO	VILA NOVA DA BARQUINHA
MACEDO DE CAVALEIROS	PENICHE	VILA NOVA DE CERVEIRA
MAFRA	PERNES	VILA NOVA DE FOZ COA
MAIA	PINHEL	VILA NOVA DE PAIVA
MALVEIRA	POMBAL	VILA NOVA DE POIARES
MANTEIGAS	PONTE DE SOR	VILA PRAIA DE ÂNCORA
MARCO DE CANAVESES	PORTALEGRE	VILA REAL
MARINHA GRANDE	PORTEL	VILA REAL DE S. ANTÓNIO
MEALHADA		

AÇORES E MADEIRA

ALTARES	AÇORES (Terceira)
CALHETA	MADEIRA (Madeira)
CÂMARA DOS LOBOS	MADEIRA (Madeira)
CORVO	AÇORES (Corvo)
ESTREITO	MADEIRA (Madeira)
FETEIRA	AÇORES (Terceira)
FUNCHAL	MADEIRA (Madeira)
HORTA	AÇORES (Faial)
LAGES DO PICO	AÇORES (Pico)
LAGOA	AÇORES (S. Miguel)
MACHICO	MADEIRA (Madeira)
MADALENA	AÇORES (Pico)
NORDESTE	AÇORES (S. Miguel)
PONTA DELGADA	AÇORES (S. Miguel)
PONTA DO SOL	MADEIRA (Madeira)
PORTO MONIZ	MADEIRA (Madeira)
PORTO SANTO	MADEIRA (Porto Santo)
POVOAÇÃO	AÇORES (S. Miguel)
PRAIA DA VITÓRIA	AÇORES (Terceira)
RIBEIRA BRAVA	MADEIRA (Madeira)
RIBEIRA GRANDE	AÇORES (S. Miguel)
SANTA CRUZ	MADEIRA (Madeira)
SANTANA	MADEIRA (Madeira)
SANTO ANTÃO	AÇORES (S. Jorge)
SÃO VICENTE	MADEIRA (Madeira)
TOPO	AÇORES (S. Jorge)
VELAS	AÇORES (S. Jorge)
VILA FRANCA DO CAMPO	AÇORES (S. Miguel)
VILA DO PORTO	AÇORES (Santa Maria)

POSTOS DE LEITURA

ALCOENTRE (Cadeia)
ATALAIA (Junta de Freguesia)
AVEIRO (Cadeia)
FUNCHAL (Bairro de Habitações Sociais)
LEIXÕES (Stella Maris)
LINHÓ (Cadeia)
LISBOA (Centro de Paralisia Cerebral)
LISBOA (Cadeia Estabelecimento Prisional)
LISBOA (Cadeia do Limoeiro)
LISBOA (Cadeia de Monsanto)
LISBOA (Polícia Judiciária)
LORVÃO (Hospital)
MOURISCAS (Junta de Freguesia)

OIÁ (Junta de Freguesia)
 PAÇOS DE FERREIRA (Cadeia)
 PAÚL DO MAR (Junta da Freguesia)
 PÊRA (Centro Recreativo União Perense)
 PINHEIRO DA CRUZ (Cadeia)
 PORTO (Cadeia Civil)
 ROSSIO AO SUL DO TEJO (Junta de Freguesia)
 SANTANA – SESIMBRA (Centro de Estudos Raio de Luz)
 TROVISCAL (Casa do Povo do Troviscal)

ALGUNS NÚMEROS

- Número de viaturas adquiridas pelo Serviço entre 1983 e 1993 57
- Número de sessões realizadas no âmbito do programa «Leitura e Cultura»
entre 1983 e 1993 186
- Número de localidades servidas pelas bibliotecas em 1993 3 206
- Número de livros apreciados pela Comissão Consultiva de Apreciação de Livros
entre 1983 e 1993 10 380
- Número de exemplares do *Boletim Cultural* publicados entre 1983 e 1993 1 190 000
- Número de exemplares de livros adquiridos pelo Serviço
entre 1983 e 1993 2 397 094
- Média anual de leitores atendidos entre 1983 e 1993 1 755 943
- Número de exemplares de livros emprestados pelo Serviço entre 1983 e 1993 52 511 988
- Quanto custou o Serviço à Fundação Calouste Gulbenkian
entre 1983 e 1993 6 265 377 531\$00

Não esquecendo a acção pioneira da Fundação Calouste Gulbenkian e o seu Serviço das Bibliotecas Itinerantes e Fixas, aqueles dois factos marcam decisivamente os primórdios do movimento que culminou com o decreto-lei 111/87 de 11 de Março, surgido na sequência da publicação do relatório *Leitura pública: rede de bibliotecas municipais*, elaborado por Maria José Moura (coord.), Pedro Vieira de Almeida, Joaquim Macedo Portilheiro e Maria Teresa Calçada, através do qual se lançaram as bases necessárias para a efectiva criação de uma rede nacional de leitura pública (sobre este assunto ver as referências 81 e 77 da presente bibliografia, que incluem a legislação)

O único trabalho anterior àquela data que aqui se inclui, é o estudo fundamental de Luis Cabral e Manuel Real sobre *A biblioteca pública* (ref. 13), no qual pela primeira vez se fez uma caracterização significativa do que deviam ser as bibliotecas públicas nos tempos que corriam e se apresentavam algumas sugestões sobre a transformação profunda de que elas deviam ser objecto em Portugal.